

2

O Corpo na cultura

2.1

O primeiro Valisère – Um recorte do corpo na cultura

Mais de 20 anos se passaram da primeira veiculação de um dos mais conhecidos e premiados comerciais da televisão brasileira que, ao final de um roteiro de aproximadamente um minuto e meio, trazia uma voz feminina em *off* dizendo a emblemática frase: “O primeiro Valisère a gente nunca esquece” (Moraes, 2005, p. 271). A campanha, na época, arrebatou nada mais nada menos que o Leão de Ouro em Cannes e o título de melhor filme do mundo na premiação da televisão japonesa, a NTV - *Nippon Television*.

O *briefing* da campanha alertava que “não era para vender nada, especificamente, mas tinha um objetivo mais conceitual, pretendendo passar uma idéia, um sentimento” (Moraes, 2005, p. 270), pois a empresa desejava tão somente se renovar, baseando-se no fato de que, para as consumidoras, a *lingerie* de náilon era tida como menos confortável do que a de algodão. O não compromisso de vender aliado à perfeita tradução da “primeira vez”, belamente retratada no encantamento da adolescente em ganhar seu primeiro sutiã, parecem ter sido alguns dos fatores que tocaram esse tal “sentimento” localizado então no imaginário feminino, renovando, assim, tal qual o desejo da empresa, algo de adormecido.

Já se foram mais de 20 anos daquela veiculação que, atravessando a rede nacional, ganhou o mundo e, até hoje, ainda é lembrada, seja na repetição da frase como proferida no comercial ou, mais ainda, nos desdobramentos de tal concepção nos mais diversos lugares e até mesmo em outras campanhas publicitárias. A assinatura da voz feminina em *off* parece fazer espelho a algo que ainda não se sabe, mas que, no entanto, se deseja; em outras palavras, o movimento que parte da menina em busca de tornar-se mulher.

Se o sutiã alcança *status*, representando assim signo de feminilidade na concepção da campanha publicitária, esse fato talvez possa se dever a outro momento histórico, em que a referida peça foi símbolo de contestação. Trata-se,

na segunda metade do século XX, do *Bra-Burning* em praça pública, nos Estados Unidos. Vale lembrar que a queima dos sutiãs foi incendiária, não pelo fogo em si, que na realidade nunca aconteceu, mas sim pelo caráter simbólico atrelado à manifestação ocorrida na cidade de Atlantic City, em 1968, reiterando o final da referida década como uma época de grandes transformações pelos quatro cantos do mundo. Na ocasião, aquele ato já era um “protesto contra a ditadura da beleza feminina imposta às mulheres da época”¹, momento em que Jordi Ford recebia o título de Miss América.

Dando sequência ao nosso breve levantamento dos fatos envolvendo essa peça do vestuário feminino, não poderíamos deixar de fazer referência a uma das últimas invenções no mundo dos brinquedos, retrato dos dias atuais, e que muito tem a ver com nosso tema de pesquisa. Trata-se do *Barbie Fake Boobs*, um *set* de implantes de silicone para a boneca americana que leva o mesmo nome. A notícia sobre o novo brinquedo, que foi encontrado no *site* “Aleitamento Materno”, na matéria “Denúncia: boneca Barbie com silicones nas mamas?! ”², traz também a declaração do diretor científico da SBCP - *Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica* -, em 2009, o cirurgião plástico Paulo Roberto de Albuquerque Leal. O referido diretor afirma que “estamos vivendo uma americanização do padrão e do gosto por seios volumosos”. Até mesmo Barbie parece se render a tal padrão de seios avantajados nos Estados Unidos da América, dando mais força à demanda mercadológica, resposta ao desejo do Outro, em território americano. Desbancando em definitivo a brasileira Susi, boneca fabricada entre as décadas de 60 a 80 pela Estrela, por aqui não vimos nada de parecido: a Barbie brasileira não foi até então contemplada com nenhuma prótese glútea como resposta à conhecida preferência nacional dos homens – a bunda da mulher brasileira.

No entanto, se o imaginário masculino brasileiro assim valorizou essa parte do corpo de nossas mulheres, ou se a natureza se encarregou de tal atributo, isso não vem diretamente ao caso nesse momento; o que vemos hoje é justamente um crescimento no número de cirurgias estéticas de implante de prótese mamária de silicone. Ainda na mesma matéria, sobre o implante para a boneca *Barbie*, o então presidente da SBCP, José Tariki, salienta:

¹ Disponível em: <http://adpereira.wordpress.com/2009/11/05/voce-queimaria-um-sutia-de-15-milhoes-de-dolares/>. Acesso em: 3 Abr. 2010.

² Disponível em: http://www.aleitamento.com.br/a_artigos.asp?id=x&id_artigo=2520&id_subcategoria=4. Acesso em: 13 Set. 2011.

O conceito era que brasileiro gostava de mama pequena e bumbum grande. Hoje, ter mama grande deixou de ser problema. Na década de 90, só 10% das cirurgias de mama eram de aumento enquanto 90% eram de redução.

Para nos situarmos sobre tal estado da arte, vale citar a última pesquisa encomendada ao Instituto de Pesquisa DataFolha pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. Realizada de setembro de 2007 a agosto de 2008, a pesquisa foi aplicada em cirurgiões plásticos, cadastrados como membro especialista da referida Sociedade. Os resultados apontam que, dentre as cirurgias plásticas realizadas no Brasil, em torno de 629 mil ao ano, 27% são reparadoras e 73%, estéticas e, destas, 21% correspondem ao aumento de mama.

Houve, sem dúvida, uma mudança nos padrões de beleza feminina em nosso país. Implantes de prótese mamária de silicone estão na ordem do dia, fazendo parte de um conjunto de práticas sociais que, tudo indica, parecem estar mudando comportamentos e formas de entender o corpo. Abordemos tal movimento sob o ponto de vista da cultura que o cerca.

2.2

O corpo feminino em voga na contemporaneidade

O corpo em voga na contemporaneidade no mundo ocidental, tudo indica, clama por visibilidade e reconhecimento, se pensarmos na forma como ele se apresenta nos mais diversos espaços sociais na atualidade. O corpo contemporâneo narcisicamente parece procurar, independentemente de sua classe social, holofotes que lhe iluminem a passarela na qual ele foi levado a desfilar.

Ainda ontem, também, o corpo entrou para a rede mundial de computadores, a *internet*, e não sem consequências. Esse fato parece ter lhe proporcionado redesenhar, redefinir o ângulo da sua própria imagem. Sob forte luz da passarela midiática, televisiva, litorânea, dos bailes *funk* em favelas, bailes de debutantes no mais *in* dos clubes de qualquer cidade brasileira ou lugar do mundo que lhe confira destaque, o corpo é levado a criar imagens de si, o que parece o estar deixando enfastiado.

Fadado a uma “linha de produção”, o corpo da mulher parece, a todo momento, estar pronto a ser consumido, fechando-se cada vez mais em sua

própria imagem extremamente carregada de sentido. Sentidos esses, percebe-se, que mais e mais, com o passar do tempo, cristalizam uma imagem de corpo ideal. Tal imagem parece não dar chances para que um outro sopro o alivie desse sufocamento imaginário em que se encontra e aponte para uma diferença. Conforme as palavras de Vilhena, Medeiros & Novaes (2005) não há

Nada mais cruel do que lutar com um inimigo implacável e inexorável. Contra a ação do tempo as mulheres lutam, tentando manter-se sempre jovens e belas. Frenéticas e enlouquecidas consumindo compulsivamente toda sorte de produtos que prometem retardar o seu envelhecimento e manter sua beleza, essas mulheres lutam contra si, perdendo-se no espelho a procura de si mesmas. Se antes as roupas as aprisionava, agora aprisionam-se no corpo, na justeza das próprias medidas (Vilhena, Medeiros & Novaes, 2005, p. 138).

Em meio às transformações do corpo e do olhar sobre o corpo, uma outra transformação em cena chegou para ficar. Estamos falando da cirurgia plástica de cunho estético que, colocando da forma mais simples, modifica, transforma a massa corpórea de um ser humano.

Cirurgias de cunho estético, sabemos, não escapam à influência dos padrões de beleza vigentes sob as luzes das passarelas das semanas de modas; da mesma forma, os referidos padrões são, pelo menos em parte, determinados por aquilo que as cirurgias estéticas podem oferecer. No Brasil, esse padrão tem seus imperativos: corpos sarados, magros, bronzeados, siliconados, tornando-se assim dotados de valor em sua passarela. Goldenberg (2007) ressalta que, na cultura brasileira, o corpo seria uma riqueza, e que indivíduos de camadas sociais mais pobres o veem como sinônimo de ascensão social nos mercados de trabalho, casamento e sexual.

Mas que visibilidade tão almejada seria essa que o corpo contemporâneo busca na tão massificada “sociedade do espetáculo”? Haveria, para ser visível, a necessidade de se criar um novo corpo como tentativa de estabelecer uma relação ponto a ponto, através de um discurso e prática social, que eleve o corpo real à condição de um corpo dentro dos padrões de beleza vigentes?

A cirurgia estética, com a força que a vemos na atualidade, vem se estabelecendo, percebe-se, como uma das tecnologias de ponta que vieram para transformar o corpo em seus usos, seus desejos. Essa tecnologia não deixa de ter

como base o princípio de técnica corporal, segundo formulação de Mauss (1934) sobre o corpo em seu viés sociológico.

Para pensarmos o corpo na cultura ocidental, recorreremos inicialmente ao texto “Técnicas do Corpo” (1934), no qual o autor trata do modo como uma sociedade ou cultura incidem sobre um determinado corpo, ou seja, as consequências para o corpo orgânico de nascer ou vivenciar determinada cultura desde tenra idade.

Mauss (1934) entende por técnicas relativas ao corpo “as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos” (Mauss, 1934, p. 211). Alguns exemplos dessas técnicas, observadas e nomeadas pelo autor, retratam os mais variados usos do corpo, como podemos verificar em expressões como “educação do andar”, “posições da mão”, “corrida”. O autor irá salientar que a transmissão de uma técnica está ligada ao seu ensino, o qual é vinculado aos preceitos da cultura onde essa mesma técnica é ensinada. Ainda acrescenta que a utilização dessas técnicas, cada qual dentro de seus critérios, varia “não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, mas, sobretudo, com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, com os prestígios” (Mauss, 1934, p. 214). Não estariam, hoje, os “prestígios” do corpo, se pensarmos nas cirurgias estéticas, em fina associação com o padrão de beleza socialmente aceito? Mauss (1934) ressalta que

É precisamente nesta noção de prestígio da pessoa que torna o ato ordenado, autorizado e provado, em relação ao indivíduo imitador, que se encontra todo o elemento social. No ato imitador que segue, encontram-se todo o elemento psicológico e o elemento biológico (Mauss, 1934, p. 215).

Dessa maneira, o autor considera que, na sociedade, as técnicas do corpo são uma resultante do encontro do viés sociológico, biológico e psicológico. É em virtude do viés psicológico que Mauss irá falar de “imitação prestigiosa”: uma criança autorizada por alguém em quem ela confia irá imitar, desta, atos que tiveram sucesso. Vale lembrar que esse “alguém” pode ser qualquer pessoa, incluindo-se aí também a autoridade parental, biológica, ou quem exerce essa função. Cabe a interrogação: como essa imitação prestigiosa, na cultura brasileira, poderia contribuir para que meninas adolescentes, de praticamente todas as classes sociais, fossem levadas a procedimentos estéticos, incluindo-se aí o implante de

prótese mamária de silicone? Novaes (2010), ao articular estética e classe social, salienta:

Não há como imaginar um sujeito descolado da dinâmica política e social em que vive – seria espantoso que o discurso sobre a beleza e seus parâmetros não atingisse a todos (Novaes, 2010, p. 107).

Junto a essas dinâmicas deve-se considerar ainda a ótica da história, ou seja, a operação lógica que desembocaria em uma concepção de beleza vigente para um corpo em determinada cultura. Assim, à frente, um diálogo com a história da beleza fará parte dessa abordagem sobre o corpo na contemporaneidade. Ainda em relação à imitação prestigiosa, devemos lembrar que os atos que obtiveram sucesso são também copiados em escala de proporções nacionais – e, mundial – tendo a mídia como fio a entrelaçar e tecer a colcha de retalhos brasileira; como aponta Costa (2004),

Os indivíduos, além de serem levados a ver o mundo com as lentes do espetáculo, são incentivados a se tornar um de seus participantes pela imitação do estilo de vida dos personagens da moda. A imitação, contudo, não pode ir longe. A maioria nem pode ostentar as riquezas, o poder político, os dotes artísticos ou a formação intelectual dos famosos, nem tampouco fazer parte da rede de influências que os mantém na mídia. Resta, então, se contentar em imitar o que eles têm de acessível a qualquer um, a aparência corporal. Daí nasce a obsessão pelo corpo-espetacular (Costa, 2004, p.230).

Não é raro encontrarmos, no discurso de adolescentes que se submetem à cirurgia estética, o “motivo” que as levaram a fazer uma cirurgia. Tal fato talvez não seja o mais relevante, pois novas justificativas são elaboradas a todo momento. Encontrar para si mesma uma ideia que ratifique a noção de imitação prestigiosa parece ser mais valioso. Um bom exemplo de imitação prestigiosa que será transmitida, encontrado nas vozes de meninas adolescentes, é o sucesso atingido através do “bom” resultado da cirurgia de implante de prótese mamária feita por uma amiga. Na contemporaneidade, por exemplo, como veremos no capítulo sobre o campo de pesquisa, implantar prótese mamária de silicone ao completar 15 anos de idade parece estar se tornando, em nossa sociedade, um rito de passagem. Mauss (1934) mesmo afirma que um dos requisitos mais

importantes para que uma técnica tenha vida longa é a tradição. Vale lembrar, ainda, que costumes e tradições são transmitidos pela via da educação.

É sabido, também, que é pela via da palavra que se dá a educação. Lembremos, como citado anteriormente, que uma técnica do corpo é fruto da junção do viés psicológico, onde a educação está inserida, além dos vieses sociológico e biológico. Assim, pela via da palavra, temos a paciente da cirurgia estética a falar de uma técnica aplicada ao seu corpo orgânico dentro de um contexto sociológico. A técnica corporal mais simples contendo a ideia de “servir-se de seus corpos” apontada por Mauss (1934, p. 211) não ficou para trás e, sim, parece ter evoluído a tal complexidade de uma técnica cirúrgica estética.

2.3

Cirurgia estética, uma técnica corporal

Pensando a cirurgia estética como uma técnica corporal, recorreremos aos textos de Le Breton (2003) sobre as transformações corporais. Em uma das passagens sobre o assunto, o autor salienta que

A cirurgia estética é uma medicina destinada a clientes que não estão doentes, mas que querem mudar a sua aparência e modificar, dessa maneira, sua identidade, provocar uma reviravolta em sua relação com o mundo, não se dando um tempo para se transformar, porém recorrendo a uma operação simbólica imediata que modifica uma característica do corpo percebida como obstáculo à metamorfose (Le Breton, 2003, p. 47).

Acredita-se que, ao fazer menção a “clientes que não estão doentes”, o autor apenas se refira àqueles que não estão sofrendo de algum mal, quando uma ou mais funções orgânicas, fisiológicas comprometem o bom funcionamento dos seus corpos. A noção de doença e, conseqüentemente, a noção de cura para a medicina é totalmente distinta dessas mesmas noções no campo da psicanálise. Retornaremos a esse ponto quando, no terceiro capítulo, abordarmos a noção de corpo para a psicanálise e para a medicina. No entanto, vale a pergunta: em casos de transformações corporais extremas, qual seria a linha que separaria um comprometimento psíquico severo daqueles que querem apenas se livrar de “uma característica do corpo percebida como obstáculo à [sua] metamorfose”?

As manifestações culturais, na contemporaneidade, que envolvem as transformações corporais na cultura ocidental são expressões que, percebe-se, dizem respeito a uma “evolução e desenvolvimento” da espécie humana. A que preço e a que velocidade o corpo humano paga para alcançar o seu próprio corpo lançado no futuro? Vale lembrar, aqui, a interessante passagem do filme *Além das nuvens*, de Antonioni e Win Wenders, em que uma personagem, em um bar, conta a história de uma equipe de arqueólogos que contratam carregadores mexicanos para levarem seus instrumentos de trabalho e pertences pessoais a uma região montanhosa. Os arqueólogos, em ritmo acelerado vão à frente dos carregadores quando, esses últimos, em determinado momento, param. Ao serem questionados pelo chefe da expedição por que pararam, respondem que, por terem andado rápido demais, agora deveriam esperar por suas almas (Tucherman, 1999).

Não tendo mais tempo para esperar por sua alma, o sujeito moderno, nos dias de hoje, parece recorrer a qualquer preço em busca daquilo que lhe apresente a efêmera lembrança de si próprio, para que, ao menos com isso, ele se reconheça nessa diferença. Tucherman (2004) precisamente aponta que

Onde somos radicalmente outros é no uso que fazemos das biotecnologias e das exteriorizações: cirurgias plásticas, medicina ortomolecular, reposições hormonais, complementos nutritivos, liftings químicos ou a laser, botox, lipoescultura, e outros tais que parecem fazer um hibridação da nossa subjetividade estetizante e o universo das técnicas disponíveis (Tucherman, 2004, p. 140).

Assim, a cirurgia estética como uma reedição da noção de técnica corporal para Mauss (1934), tudo indica, oferece ao humano a possibilidade de apreender algo que lhe escapa, mas, ao mesmo tempo, o constitui. Restaria a este corpo manipulável tal empreitada, tornando-o assim, nas palavras de Le Breton (2003),

Suporte de geometria variável de uma identidade escolhida e sempre revogável, uma proclamação momentânea de si. Se não é possível mudar suas condições de existência, pode-se pelo menos mudar o corpo de múltiplas maneiras (Le Breton, 2003, p. 28).

O autor ainda acrescenta que o corpo “tornou-se a prótese de um eu eternamente em busca de uma encarnação provisória para garantir um vestígio

significativo de si” (Le Breton 2003, p. 29). Não seria esse “vestígio de si” a expressão de uma imagem, tal qual a alegria da criança ao ver sua imagem no espelho? Esse ponto será melhor discutido no terceiro capítulo nas articulações com o campo da psicanálise.

Na atualidade, tudo indica que os cuidados com o corpo, se não são incorporados no dia a dia de um mortal, o colocarão às margens do ideário dos bens de consumo produzidos para o seu “bem-estar”, portanto, para serem consumidos. Uma vez incorporados, esses bens lhe conferirão um status, ao menos imaginário, de pertença ao diferente e exclusivo, o que, por ironia, a cada dia que passa está mais ao alcance de todos.

Le Breton (2003, p. 30) é claro quando salienta que a cirurgia estética “oferece um exemplo impressionante de consideração social do corpo como artefato da presença e vetor de uma identidade ostentada”. Não estaria aí um bom mote, em nossa “sociedade do espetáculo”, para meninas adolescentes aderirem à moda do implante de prótese de silicone mamária?

Implantes de prótese mamária de silicone entraram de sola no mercado que engloba os serviços de beleza, a serem consumidos pelas mulheres, tais como *peeling* facial, massagem estética, depilação a laser, drenagem linfática, toxina botulínica, *ultrashape*, além dos tradicionais como maquiagem, que já pode ser definitiva, pé e mão e a tríade tintura, corte e escova. Esse mercado, que tem seu lugar garantido nos mistérios do corpo da mulher, proporcionando-lhe o frescor da juventude, é traduzido pela ideia de saúde.

É essa relação entre o corpo da mulher, a beleza feminina e seus padrões ao longo da história que abordaremos a seguir.

2.4

A revelação da beleza feminina na história

Há tempos assistimos ao diálogo que associa beleza e feminilidade. Tal diálogo, na esfera acadêmica, é dotado de uma história. Essa, iremos buscar no comportamento mais cotidiano das mulheres nas cidades, nas transformações relativas ao seu papel na sociedade, tanto o de outrora como o da atualidade. Para pensarmos sobre essa relação, façamos inicialmente um simples exercício de inversão de gênero sobre o assunto.

Cena típica de bar: homens tomando cerveja. Cena extremamente menos típica de bar: homens tomando cerveja elogiam o novo corte de cabelo do ator Tiago Lacerda. A partir desse momento, no máximo ouviremos o adjetivo “legal” para descrever o estilo adotado pelo referido ator, ou, ao contrário, algo como: “com esse corte de cabelo bonitinho assim não é homem, só pode ser viado”. Essa sentença, tudo indica, reforça a associação entre beleza e feminilidade, se lembrarmos aqui do estereótipo gay associado ao feminino. Já se o famoso for um jogador de futebol, aí teremos os mais diversos adjetivos positivos como aprovação e, inclusive, a possibilidade de adoção explícita do estilo de corte de cabelo: o imaginário que ronda o futebol, esporte “para homens”, permite contribuir para que as bases daquilo que chamamos de masculinidade não seja abalada com meros caprichos de beleza.

Essa associação, no campo masculino, parece ter sofrido um enfraquecimento de seus tabus perante a cultura gay. Afinal de contas, sem filhos para criar, o mercado econômico entendeu que essa fatia da população tem mais dinheiro disponível para consumir. Temos como exemplo a moda gay que, paulatinamente, com seu estilo, deixa de se tornar algo exclusivo dos gays e passa a ser adotado pelo dito homem heterossexual. Para aliviar tensões e dúvidas deu-se ao macho adulto branco um novo nome, metrossexual, uma figura bastante distante do homem do século XVI: “terrível e belo” [...] com “graça [...] mas também austeridade e mesmo dureza” (Vigarello, 2006, p. 25). A gíria, que combina as palavras metropolitano e sexual, faz referência ao homem urbano que se embeleza e se cuida demasiadamente. Todas essas transformações, mesmo que lentas, na esfera masculina podem ser verificadas no campo da cultura. Assim, podemos afirmar que houve uma “naturalização” dos cuidados masculinos em relação à beleza.

Todavia, se pensarmos na recorrente associação entre feminilidade e beleza parece não ter havido, ao contrário do que se percebeu em relação aos homens, um relaxamento dos códigos que ditam padrões de beleza. Basta lembrarmos da discussão em torno do conteúdo da campanha publicitária da famosa marca de *lingerie* – olha ela aí, mais uma vez em cena - *Hope*³, protagonizada por Gisele Bündchen, no ano de 2011. Nela, a modelo, usando

³ Disponível em: <http://www.hopelingerie.com.br/ch/index.aspx>. Acesso em: 15 Nov. 2011.

calcinha e sutiã, sugere às mulheres que o recurso à sensualidade é um bom artifício para dar uma notícia desagradável ao marido: “Amor, bati seu carro”. Ora, é sabido que a mulher faz uso de sua sensualidade para conseguir “o que quer”, no entanto, em um dos vídeos da referida campanha, esse fato nos dá fortes indícios de estar atrelado ao discurso de que a mulher não é boa motorista.

A então Secretaria de Políticas Especiais para as Mulheres, que considerou o conteúdo da campanha sexista, pediu ao Conar – Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária – que analisasse o conteúdo do material publicitário. Entretanto, o referido Conselho decidiu por unanimidade arquivar o processo. Diante de tal estado da arte, é interessante pensar que, se por um lado, Bünchen é um bom exemplo da autonomia da mulher em relação ao homem na contemporaneidade, por outro, ao protagonizar a referida campanha, tropeça em sua própria imagem de *femme fatale*, reproduzindo velhos estereótipos sexistas, dos quais ela mesma, muito provavelmente, já foi vítima.

Em outras palavras, embora o tempo passe e “progressos” sejam feitos, há sempre questões que ficam como restos não simbolizados no campo da cultura. A tal associação entre feminilidade e beleza parece ser uma delas, se pensarmos que uma subserviência feminina perdura em relação à beleza. Artigos acadêmicos tratam do tema exaustiva e profundamente. Tal insistência deverá, acreditemos, lentamente, quebrar concepções tais quais as contidas nos exemplos acima citados. Caso contrário, não seria o caso de pensarmos justamente o que significa reapresentar, então, mais uma vez, a histórica associação entre beleza e feminilidade? Vamos a ela.

Na contemporaneidade não podemos deixar de citar a mais moderna das técnicas corporais, a exemplo de Mauss, a cirurgia plástica estética. Surgindo no século XVI, mas sendo resgatada só no século XVIII, a cirurgia plástica teve seu “boom” na segunda metade do século XX em que foi utilizada para tratar mutilados na 2ª Guerra Mundial. Com isso “ganha força sua utilização como instrumento de transformação estética” (Novaes, 2006, p. 140).

Recurso tecnológico de ponta, esse tipo de cirurgia vem reafirmar os laços entre a beleza e a mulher e, nos dias atuais, se propõe a incluir até mesmo as novas mães. Quando nem mesmo uma recente gestação parece justificar marcas corporais indesejáveis, as cirurgias plásticas já podem ser vendidas em pacotes nos EUA e na Inglaterra, por exemplo. Conhecidas como “mommy

makeover" ou *"mommy job"*, prometem levantar os seios, definir o abdômen e acabar com as gordurinhas, apagando de vez qualquer vestígio inaceitável, decorrente da gestação (Brazão, M., Novaes, J.V. & Vilhena, J., 2010).

Assim, se o assunto é a histórica associação entre beleza e feminilidade, o termo "cirurgia estética" parece reeditar tal associação na contemporaneidade. Estaria tal recurso, à mão da mulher, tão banalizado, nos dias atuais, como uma ida ao salão de beleza? Se a cirurgia estética é, hoje, uma das facetas do estado da arte a respeito do embelezamento feminino, nesse início do século XXI, é aos séculos anteriores que recorreremos, para entender como a beleza se revelou.

Vigarello (2006) faz um interessante traçado da beleza e suas histórias a partir do Renascimento até os dias de hoje. Histórias essas as mais cotidianas possíveis, ricas em detalhes sensíveis, sobre as formas esteticamente aceitas ou não, na tentativa de descrever "os indícios vindos do interior, os sinais da alma" (Vigarello, 2006, p. 10). Assim, o autor dá preferência a um encadeamento lógico que explicitará de que forma, de tempos em tempos, os padrões de beleza se deslocam, se reinventam e retornam "ao mesmo lugar", e aponta que a história da beleza

Explora tanto as palavras como as imagens. Em particular as palavras, porque elas traduzem as tomadas de consciência, os interesses distintos, as sensibilidades reconhecidas e experimentadas (Vigarello, 2006, p. 10).

Para ele, o século XVI irá revelar a beleza como pura presença, "anjo descido do céu" (Vigarello, 2006, p.14), em que se privilegiam as partes altas, o visível do corpo, em detrimento das baixas; em outras palavras, a beleza é hierarquizada. As mãos e seus gestos, o busto e o rosto estão em primeiro plano. Pintores guardam em seus ateliês retratos de mulheres que são selecionadas por suas belezas, e não por sua classe social. O início da modernidade irá revelar o entrave de traduzir em palavras o que era a beleza do corpo, no entanto, as descrições ganham alguma dimensionalidade, "a aparência se torna mais polpuda, o contorno mais consistente" (ibid., p. 16). O olhar participa ativamente no reconhecimento da beleza das chamadas partes altas; porém, de forma bastante moralista, nega a admiração das partes baixas, que não foram dadas à contemplação, mas tão somente como sustentáculo que dá vida às partes altas.

Partes altas, o rosto, os olhos e as mãos com gestos delicados e sutis invocam fragilidades; “a beleza valoriza o gênero feminino a ponto de aparecer nela como a perfeição” (ibid., p. 23), atributo da feminilidade. A distinção de gênero traz como consequência o estabelecimento dos papéis. Para o homem, o trabalho pesado, já que tem a força; para a mulher, os cuidados com o lar, onde sua delicadeza e beleza encontram seu lugar. Assim, “a excelência de estética física definitivamente feminizou-se: força e beleza se dissociaram” (ibid., p. 25).

Nesse sentido, Sant’Anna (2005) lembra que a beleza, embora associada à feminilidade, sofre transformações nos “modos de conceber e de produzir o embelezamento” (Sant’Anna, 2005, p. 121). Assim, percorreremos com a autora a história do corpo, agora, com enfoque no embelezamento feminino em nosso país.

Em um país como o Brasil, de dimensões continentais, embelezar-se, podemos afirmar, também está vinculado às formas como as culturas regionais percebem o corpo feminino. É exemplo real, nesse âmbito, a maior ou menor possibilidade de exposição do corpo de acordo com as variações climáticas de cada região do país. Logo, a mídia televisiva parece ter a importante função de “unir” geografias longínquas e diferenças climáticas em uma só imagem. Imagem essa que vem se transformando mais ainda, não só nacional, mas também mundialmente via *internet*. Essa, no entanto, cria uma nova possibilidade aos seus usuários, o que não era conferido aos telespectadores do antigo tubo catódico, ou seja, a possibilidade de interagir com o outro em tempo quase real. Tal feito ainda dá aos seus usuários a condição de agentes de transformação de realidades.

Nessa aldeia global, na esteira de McLuhan (1962), o corpo também é pautado, padronizado, locus em que se inscrevem as últimas novidades e possibilidades de embelezamento que “prometem” ser destaque no “próximo verão” à luz das novas descobertas tecnológicas e científicas.

De acordo com Sant’Anna (2005), não seria apenas o embelezamento que definiria padrões estéticos de uma beleza fugidia que deveria vigorar. As variações do “antigo sonho de ser moderno e civilizado, que há muito persegue as elites desse país” (Sant’Anna, 2005, p. 122), também participariam do desejo brasileiro, na esfera estética, de pertencer ao clube “do cultivo diário de uma aparência bela e do bem-estar conjugal” (ibid., p. 129). Vigarello (2006), ao discorrer sobre a história da beleza, aponta que essa deveria ser compreendida como uma invenção em relação ao tempo, em que

A originalidade da cultura européia em torno do fim do século XV reside na ascensão do impacto dado a uma presença: uma curiosidade estética nova ressaltada nos rituais de entrada de príncipes, nas práticas da corte, nos tratados. A novidade aqui reside na vigilância bem particular dada ao belo e às impressões provocadas por ele (Vigarello, 2006, p. 11).

Assim, se, no Brasil da primeira metade do século XX, por um lado, a beleza será alcançada através das prescrições médicas com tratamentos de cunho estético como a extração de pelos(ê) e com tratamentos mais assépticos, casos de saúde pública, com a cura das mais diversas doenças, por outro, o embelezamento será visto com maus olhos, sendo remetido “à vida das mulheres consideradas excessivamente vaidosas, das artistas, e libertinas” (Sant’Anna, 2005, p. 123).

No entanto, se vaidade remeteria a uma beleza duvidosa, já que se distanciava daquela beleza concedida como uma dádiva divina, no Brasil, até 1950, a vaidade, a vida das artistas e a libertinagem funcionavam com uma referência a ser seguida, já que ditavam a moda. As atrizes desse período davam dicas de beleza em revistas femininas da época, deixando para trás as ultrapassadas prescrições médicas de como alcançar a beleza. Com a campanha publicitária, os produtos de beleza passam a “influenciar diretamente o psiquismo de cada mulher, tornando-a não somente mais bela como também mais feliz e satisfeita com ela mesma” (Sant’Anna, 2005, p. 128).

Nos dias de hoje, as atrizes ainda participam do imaginário de serem as portadoras dos segredos para se tornarem belas, no entanto, aliados também à “prescrição médica” de seus cirurgiões estéticos. Além disso, outros tipos de pessoas conhecidas do grande público entram em cena; estamos falando das celebridades e subcelebridades⁴: as primeiras remetem às pessoas com significativa e real notoriedade em suas carreiras com prestação de serviços à sociedade como um todo; já a subcelebridade, um neologismo, refere-se às pessoas que se enquadram dentro dos chamados *reality-shows*, ou ainda, aquelas que se tornam famosas por estarem ao redor de ou se relacionarem com pessoas já conhecidas. Aqui parece ser o caso de algumas mulheres de jogadores de futebol ou de pagodeiros.

Tanto a atriz brasileira internacionalmente reconhecida como a esposa de jogador de futebol “de programa de auditório”, se bonitas, são padrões de beleza a

⁴ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Celebridade>. Acesso em: 15 Nov. 2011.

serem seguidos por aqui ou em qualquer lugar do mundo. A *internet* é a prova mais cabal de que hoje qualquer um pode “ficar famoso”. Nunca saberemos ao certo se os tais quinze minutos de fama, a que se referiu Warhol, artista plástico americano cujo trabalho era vanguarda nos anos 1960, pode ser entendido exatamente como o que assistimos atualmente na cultura, na *internet*. No entanto, é inegável a relação dessa ideia, na atualidade, com a frase do referido artista.

Nos idos dos anos 50, como citado acima, dá-se ênfase à imagem da mulher bonita, portanto feliz, já sob o efeito, *à la* Mauss (1934), do uso de algumas “técnicas corporais”. A mulher tornou-se “sem tristeza e, sobretudo, sem passado” (Sant’Anna, 2005, p. 129). Sem passado, sem as marcas do tempo, tal qual proporcionado, na atualidade, por um bisturi na mão de um cirurgião plástico que proporcionará novamente a tão sonhada felicidade via alguns retoques estéticos na tentativa de recuperação do belo.

Nesse sentido, contrariamente ao gosto de alguns, mesmo a relação entre beleza e felicidade, combatida com a negação do passado, possui uma história. Sabiamente Paulinho da Viola, em declaração, faz longínqua alusão à felicidade, à beleza de viver, sentenciando “eu costumo dizer que o meu tempo é hoje, eu não vivo no passado, o passado vive em mim”⁵. Vejamos como a referida relação se estabeleceu.

2.5

Da beleza à felicidade

Na cultura contemporânea a associação entre beleza e felicidade remete à afirmação de Costa (2004, p. 19) de que “para corpos diferentes, felicidades diferentes”. Nos dias atuais, a beleza desnaturalizada parece ocupar um lugar que, se não atingido ou ao menos almejado, denunciará o sujeito como sendo aquele que não está ajustado, que negligencia os recursos de ponta para o alcance da felicidade. Vilhena, Novaes & Rocha (2008) questionam:

... que imagem do corpo é exaltada na cultura vigente? O status do corpo é adquirido através de sua jovialidade (eternização da

⁵ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=RvkG5iDxU4s>. Acesso em 19/01/2011.

juventude), de sua beleza (cria-se uma nova categoria de exclusão – a feiúra), da aparência de felicidade (estando aí incluída a imagem de sucesso – aqueles que deram certo são os que portam todos os traços até então citados ... (Vilhena, Novaes, Rocha, 2008, p. 385)

Vemos, assim, o corpo envolto na seguinte tríade: beleza, felicidade e juventude, em outras palavras, um corpo saudável. Vejamos, primeiramente, o que porta a relação entre beleza e felicidade, para em seguida abordarmos as considerações a respeito da juventude.

O encadeamento lógico da noção de felicidade nos mostra que sua história vem corroborar nossas articulações, ilustrando que “em nossa sociedade de consumo de massa, a felicidade reside em tudo aquilo que pode nos fazer sair do anonimato, da multidão, do cotidiano, da igualdade democrática” (Germain, 2006, p. 14). Vilhena, Novaes, Rocha (2008) ainda vão além e lembram que a felicidade “tornou-se um direito e, até mesmo, um dever”.

Com o advento da filosofia, inicia-se a reflexão sobre o tema da felicidade; conseqüentemente, “começa” a sua busca, a procura por. Comte-Sponville (2006, p. 19) nos lembra que essa procura se inicia “pelos meandros do pensamento, da abstração, da razão, da reflexão e da argumentação”. O autor ainda acrescenta que os primeiros filósofos se debruçaram sobre as questões da natureza e do ser, e que será somente com a virada socrática que toda a questão da felicidade passará a existir nas articulações filosóficas. Tais articulações sobre o homem serão belamente retratadas, posteriormente, na afirmação “Conhece-te a ti mesmo”. Assim, o “conhecer a si mesmo não significa contemplar o próprio umbigo, mas sim tentar saber quem somos e, também, o que devemos ser; é perguntar a si mesmo como pensar, como viver e como ser feliz” (ibid., 2006, p.20).

Mais tarde, com o início do cristianismo, a felicidade irá sofrer um deslocamento geográfico e, então, a reencontraremos nos céus, iniciando-se assim a associação entre felicidade e paraíso. Delumeau (2006) lembra que “o homem tem necessidade de imagens. Por isso, ele buscou concretizar suas aspirações em relação à felicidade e construir para si mesmo uma representação da felicidade eterna”, (Ibid., 2006, p. 76). E acrescenta:

Se essa felicidade foi representada sob a forma de um jardim, ou de uma cidade celeste, isso é secundário. O importante é que seu

conteúdo representava e continua a representar uma esperança fundamental (Comte-Sponville, Delumeau, Farge, 2006, p. 78).

É bastante comum, nos serviços de pré-operatório da cirurgia estética, ouvir de forma sutil, se não explicitamente, a ideia de que a cirurgia irá proporcionar, trazer novamente algo que se perdeu ou a que não se tem mais acesso. Certa ocasião, este pesquisador, ao perguntar a uma paciente sobre como ela estava se sentindo após sua cirurgia, obteve como resposta apenas: “É de uma felicidade, não sinto dor nenhuma!”. Vale lembrar que a paciente havia feito a cirurgia pela manhã e a pergunta fora feita no período da tarde, quando ela já se encontrava no quarto da clínica, após deixar o centro cirúrgico. É comum, em pós-operatórios de um mesmo tipo de procedimento cirúrgico algumas pacientes sentirem dores insuportáveis, enquanto outras não sentem nenhum tipo de dor. Não estamos levando em conta aqui o aspecto técnico da cirurgia, seu sucesso ou não, que contribua para que uma paciente sinta ou não dor no pós-operatório. No entanto, o questionamento é inevitável: de que felicidade estaria a paciente falando?

Poderíamos dizer que o paraíso está para o corpo enquanto locus assim como a felicidade está para sua imagem desse mesmo corpo, agora retocada? Essa ideia indica estar bastante próxima da noção mesma da esperança, como nos aponta a citação acima. Esperança também de manter-se jovem, traço proporcionado por uma intervenção cirúrgica de cunho estético.

Desejo bastante recorrente no discurso das pacientes da cirurgia plástica, o “desejo de juventude”, como justificativa para uma cirurgia estética, é expresso na ideia generalizada de “dar uma renovada”, ou ainda, “restabelecer certo frescor” e, desafiando a lei da gravidade, por que não, “levantar o que caiu”. A tentativa de afastar o envelhecimento e, de forma mais radical, a morte, não é nova, sabemos. Através dos séculos, a morte foi combatida, e a cura para os mais diversos males foi descoberta. Reconstruções nos casos de queimaduras ou fissura labiopalatal em cirurgias plásticas promovem o bem-estar e, conseqüentemente, a saúde. Em outras palavras, é o que Tucherman & Saint-Clair também corroboram:

Se o século XIX reconheceu o direito à doença, assegurado pelo Estado providência, o século XX declarou um novo direito do homem, o direito à saúde, o que significa, no campo sócio-

político, o direito à assistência médica. Foi em nome deste direito à saúde que a história do corpo no século XX tornou-se a história de uma medicalização sem precedentes: mais do que tratar de doença, a medicina ocidental assume papel de determinar regras de comportamento, controlando o cotidiano com um conjunto rígido de recomendações, e prometendo em troca desta atenção a longevidade no lugar da morte (Tucherman; Saint-Clair, 2008, p. 8-9).

Sem saída, aprendemos a combater a morte que o corpo carrega em si e, seguindo “o conjunto rígido de recomendações”, agora a combatemos em seu invólucro, na pele que, com o tempo, perde sua tonicidade. Assim, ao mesmo tempo em que meninas adolescentes fazem parte da fatia daquelas que estão submetidas ao discurso estético corporal dominante, reagindo positivamente a esse mesmo discurso, tal fato parece configurar-se como um paradoxo se pensarmos na precocidade da busca por uma cirurgia estética. Tal paradoxo, então, deve apontar para uma outra lógica que não nos é dada a olhos nus. Oswaldo Saldanha, secretário-geral da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica em 2004 já declarava: “A quantidade de meninas que colocam próteses aumentou mais de 300% nos últimos dez anos”.⁶

No texto “A juventude como valor estético: Forever Young”, Tucherman (2004) discorre sobre a intensa relevância dada à ideia de juventude na cultura atual. A autora argumenta haver dois momentos na história do pensamento que, embora extremamente distantes, têm como base um mesmo substrato, qual seja, o valor conferido à juventude, tal qual o vemos nos dias atuais.

O primeiro momento seria a Grécia arcaica, onde “na *Iliada*, tanto Heitor quanto Aquiles são colocados diante da mesma escolha: ou a glória imperecível do guerreiro, mas a vida breve; ou uma longa vida em seu lar, mas a ausência de toda glória” (Tucherman 2004, p. 136); e conclui a autora: “portanto, este heroísmo se enraíza na vontade de escapar ao envelhecimento e à morte, ainda que ambos sejam inevitáveis: ultrapassa-se a morte acolhendo-a em lugar de sofrê-la” (op. cit, p. 136).

O segundo momento, referido pela autora, reconhecido como expressão da juventude, além do *rock and roll*, está localizado na Contracultura,

⁶ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm0208200407.htm>. Acesso em 20 Jan. 2011.

especificamente em maio de 1968 em Paris. Representado pela revolta estudantil, os efeitos daquele acontecimento são entendidos como “o que esgarça o tecido da história, empurrando-a para suas margens, interrompendo seu fluxo de repetições e as indagações às quais Foucault se dedicou, que resultaram na sua consulta aos gregos e na elaboração da sua estética da existência” (ibid., p. 138). Daí o “aparecimento” de “estudantes, operários, prisioneiros, mulheres, gays, jovens com outros discursos e projetos, cuja compreensão demandava uma urgente atenção” (ibid., p. 139).

Nessas duas passagens históricas está a relação com a atualidade, ou seja, o padrão vigente na sociedade seria um retrato desse desejo de juventude e erradicação da morte. A tão almejada magreza, o resgate da silhueta de outrora e o implante de prótese mamária de silicone que meninas adolescentes passaram a buscar não seriam – na esteira da referida autora – “um caráter de absoluta “artificialização” no conjunto dos nossos valores atuais?” (ibid., p. 139).

O corpo contemporâneo, buscando visibilidade, parece encontrar, em seu substrato orgânico, o suporte necessário para que a tríade discursiva de beleza, felicidade e juventude que impera sobre ele, em sua vertente imaginária, lhe confira o *status* do qual ele próprio necessita para ser reconhecido. Aliado a essa ideia tem-se o recurso ao dispositivo tecnológico; com ele, a promessa de transformar o corpo, proporcionando novas formas de se usufruir de sua existência. Vamos às considerações nessa seara.

2.6

O corpo fabricado, o dispositivo tecnológico

Em seu livro *Adeus ao corpo* (2003), Le Breton faz uma profunda análise do corpo inserido no contexto social contemporâneo. O “Adeus” parece trazer para a despedida o prenúncio de uma nova era para esse tal ser humano que até então chamávamos, à luz moderna, de senhor de seus próprios atos, aquele do *cogito* cartesiano.

Quem ou o que se foi com esse adeus aparentemente deixou para trás, como testemunha ocular da história uma máquina, o dispositivo tecnológico, que de forma sagaz, aliou-se ao tão antigo desejo humano de completude na imortalidade. O autor confere ao corpo um estatuto embrionário, que funcionaria

como uma massa espessa a ser modelada, um mero *lay-out* corporal que leva nele ancorado um *arte-finalista* assujeitado. Em suas palavras, “o corpo é declinado em peças isoladas [...] estrutura modular cujas peças podem ser substituídas [...] por motivos terapêuticos [...] mas também por motivos de conveniência pessoal” (ibid., p. 16).

Moulin (2008, p. 53) lembra que o século XX une o corpo ao autômato, momento no qual a máquina vem para suplantar a falência do corpo ou, ao menos, para dar aos pacientes melhores condições no convívio com as doenças. A autora ainda afirma que, nesse século, “o corpo singular fez...sua entrada na ciência e também no direito. [...] ... o corpo é reconhecido como sujeito de direitos e deveres”. É a partir desse reconhecimento que se confere à pessoa a possibilidade de “mexer” em sua aparência, indo de pequenas intervenções como “levantar as pálpebras” à mudança do sexo biológico, sob a égide da “adequação maior da imagem corporal à verdade da pessoa”.

No passado, o homem nascia com determinado tipo físico e era, provavelmente, com esse mesmo tipo físico que ele iria envelhecer. O corpo, então, carregaria na pele, inevitavelmente, todas as marcas, cicatrizes ou sequelas que a vida lhe proporcionara. Hoje, ainda que esse mesmo homem não possa transformar sua existência, sua finitude, ele pode, ao menos, buscar a “maleabilidade do corpo”, nele enxertando próteses de acordo com a sua vontade (Le Breton, p. 29). Corpos maleáveis com a conveniência de adequar-se à mais íntima das vontades parece ser o caso da prótese mamária de silicone com fim estético, como assistimos na atualidade, que, como peça isolada, pode ser trocada “a qualquer momento”, de acordo com os caprichos pessoais. Vale o dito popular adaptado: “troca mais de silicone do que de sutiã”.

A prótese, essa máquina mais “simples”, nos remete a uma artificialização da vida sem precedentes. Tal dispositivo tecnológico vem trazer conforto àqueles que sofrem de algum déficit orgânico e, ao que tudo indica, vem também produzindo novas formas de subjetivação e, com elas, parece dar lugar, sustentar e acolher o velho desejo humano: o querer ser imortal através da repaginação do corpo.

Depois de restituir a funcionalidade de um órgão ou partes do corpo, a prótese ainda ontem passou a fazer parte da construção de um novo corpo, desta vez, com fins estéticos. Do mais clássico dos sutiãs, passando pelo sutiã de bojo,

com sustentação de arame; o sutiã de enchimento, de espumas ao sutiã de silicone que possui uma fita adesiva para ser colada aos seios, todas essas tecnologias ainda são externas ao corpo. Com o desenvolvimento da cirurgia plástica estética tem-se, com a prótese de silicone mamária, a passagem do “sutiã” para o interior da cavidade mamária. O sutiã, ao longo dos tempos, parece ter se transformado e chega à forma de prótese mamária de silicone, um sutiã interno, diríamos.

O dispositivo tecnológico em si mesmo tem, em relação ao homem, seu desenvolvimento e seu fundamento em outro momento da história ocidental. Aqui, um salto ao Iluminismo se faz necessário. Do referido período histórico saem duas escolas de pensamento: a primeira, que tinha Diderot como um dos seus representantes, alegava que o homem é influenciado pelo meio, podendo transformar suas condições de existência através das relações sociais; a segunda, praticamente relegada ao ostracismo, é representada por La Mettrie e tinha a materialidade do corpo, o organismo em si, como o que era realmente importante na vida, para que os homens pudessem alcançar a felicidade.

É de La Mettrie a expressão *homem-máquina*, a qual, contrariando Descartes, afirmava que os homens eram simplesmente máquinas sem nenhum conteúdo anímico. Assim a materialidade do corpo, o orgânico, era o que realmente importava, pois a felicidade estava associada não às mudanças sociais, mas a ter um corpo em perfeito estado de saúde (Rouanet, 2003). Essa segunda vertente, sem maiores riscos na afirmação, está bastante afinada com os dias atuais. Rouanet (ibid., p. 40) sintetiza, salientando que “o homem novo continua sendo um ideal, mas agora ele deve ser fabricado no laboratório, em vez de ser um produto social”.

Le Breton (2003, p. 18) vai lembrar que a concepção do homem como máquina tem sua raiz nos anatomistas do século XVI, os quais trazem à cena o dualismo que separa o homem de seu corpo. Esse pensamento vai se estender também, no século XVII, sob a ótica da “filosofia mecanicista”, cartesiana, que apresenta a máquina como modelo do corpo.

No pano de fundo de todas essas articulações, em sua radicalidade maior, está a morte e o fato de que essas mesmas articulações não são nada mais nada menos do que uma das infindas formas encontradas pelo humano de se haver com seu inexorável destino. Algumas linhas de pesquisa, na seara tecnocientífica, bastante cômicas da iminente falência do corpo, preconizariam, então, de acordo

com o autor (ibid., p. 16), um rearranjo, nova fabricação corporal que eliminaria o padecer, esse inerente destino orgânico; o autor nos alerta que “esse imaginário tecnocientífico é um pensamento radical da suspeita da precariedade da carne” (ibid., p. 16).

No caso das cirurgias estéticas e suas próteses de silicone e outros tantos artificios disponíveis como recursos às necessidades e/ou desejos humanos, esse campo tem solo fértil no Brasil. Nossa cultura ostenta um padrão de beleza que parece corroborar a referida precariedade da carne, negando-a, ao deixar o corpo com “tudo em cima”; mas também corrobora a intimidade do ser, sob as mais singulares lógicas fantasmáticas de cada um.

Mulheres, em geral, que se submetem a cirurgia de implantes de prótese mamária de silicone nos remetem, com seu feito, ao tempo. Se, por um lado, com o envelhecimento, pretende-se através da cirurgia estética permanecer eternamente jovem, alterando ou tentando retardar a morte e as marcas do tempo a fim de “deslocar a aparência da idade cronológica”, como lembra Tucherman (2004, p. 146), por outro, encontramos meninas adolescentes submetendo-se a uma lógica que nada parece ter a ver com o avanço etário, e sim com mudar o corpo como quem troca de roupa, de prótese mamária de silicone.

Novaes, em seu livro “Com que corpo eu vou?” (2010), faz uso da intertextualidade da letra “com que roupa eu vou”, da música de Noel Rosa “Com que roupa?”, de 1929. Ótima paráfrase para falar do corpo contemporâneo, que faz de suas transformações estéticas praticamente o movimento tal qual a troca de roupa, dada a velocidade das mudanças que ocorrem nesse campo na cultura.

Essa velocidade, acredita-se, não daria a quem a ela se submete, tal qual o exemplo dos carregadores mexicanos do filme “Para além das nuvens”, de Antonioni e Win Wenders, o tempo necessário para que a “alma [se encontre] com seu corpo”. Assim, uma questão que talvez possa nos ajudar seriam as considerações sobre o que aqui chamaremos de “desejo do visível”, uma vez que amenizar os efeitos do tempo ou transformar o corpo, como se vê na cultura, são ideias, embora próximas, distintas.

Logo, se essa busca veloz em transformar o corpo lança nossas adolescentes a um lugar, espaço do tempo ainda não advindo, o desejo pelo que é visível, como denominamos, parece tentar reeditar aquilo que da alma se perdeu na velocidade mesma desse lançamento ao espaço. Poderíamos afirmar que o

dispositivo tecnológico, leia-se aqui prótese mamária de silicone, parece fazer sutura entre duas esferas – a materialidade do corpo e a imagem que se deseja dessa materialidade?

Nesses tempos pós-modernos seria esse espaço de tempo justamente o que uma imagem de corpo tentaria recobrir? Se não, ao que parece, o consumismo está aí mesmo para trazer de volta, mais uma vez, uma nova imagem e mais outra, e outra ainda, que sustente seu desejo. Debord, (1997) em interessante articulação sobre uma dada sociedade complexa e sua relação com o tempo, nos explica:

Quando uma sociedade mais complexa chega a tomar consciência do tempo, seu trabalho é mais de negá-lo, pois ela vê no tempo não o que passa, mas o que volta. A sociedade estática organiza o tempo segundo sua experiência imediata da natureza, no modelo do tempo cíclico (Debord, 1997, p. 88).

Assim, diante desse retorno, do tempo cíclico que sempre tenta mais uma vez se inscrever, delimitaremos nossa visada sobre o corpo, a partir da noção freudiana de corpo histórico. Esse, sob a ótica da psicanálise, faz referência à pulsão, portanto, ao tempo não cíclico, se pensarmos naquilo que é conhecido, nesse campo, como retorno do recaiado. Tal retorno teria como possibilidade de se atualizar em um entrelaçamento da linguagem e o corpo orgânico, tendo como seu produto uma imagem de corpo.

Costa (2004), ao abordar a expressão dos novos sintomas corporais, como se apresentam na clínica contemporânea, chama a atenção para a especificidade dos “transtornos na percepção da imagem corporal” (Costa, 2004, p. 55), incluindo-se aí a busca desenfreada pelas cirurgias estéticas. Nesse sentido, articularemos essa nova configuração sintomática em diálogo com a noção de corpo representado para uma concepção de corpo na senda psicanalítica.